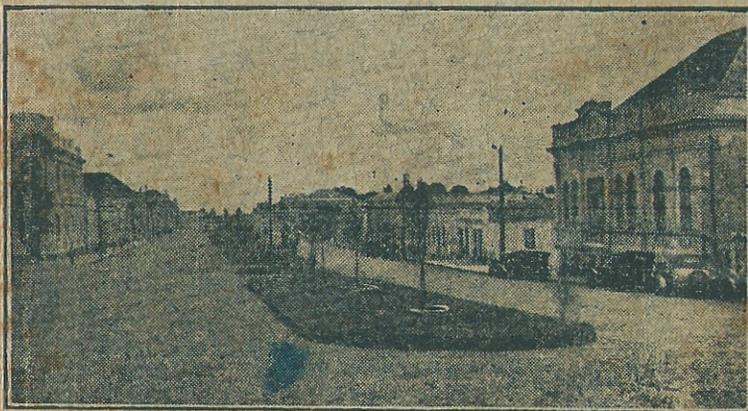


Francisco Antonino Xavier e Oliveira

SEARA VELHA



Tipografia Independencia

PASSO FUNDO

1932

DO MESMO AUTOR

PARA 1933:

APOSTILAS GEOGRAFICAS

Correções, curiosidades e tradições
topograficas locais.

DIAS IDOS

Trabalho do genero de "Seara Velha"

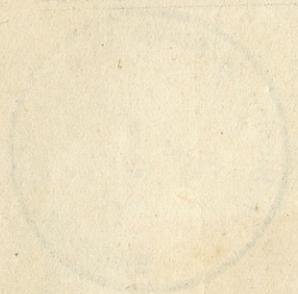
D.º Nicolau A. Bergues
Francisco Antonino Xavier e Oliveira



SEARA VELHA

Tipografia Independencia
Rua Bento Gonçalves, 89
PASSO FUNDO
1931

Francisco Antonio Xavier e Oliveira

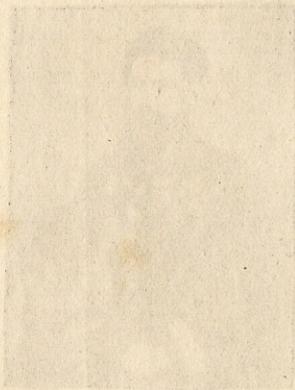


SEARA VELHA

Tipografia Independência
Rua Bento Gonçalves, 59
PASSO FUNDO
1931



Coronel Francisco Marques Xavier Chicuta



A tapera de Chicuta

Ha tempos, indo á região de Tamandaré, no atual municipio de Carasinho, passei pela tapera de Chicuta (*), nela me detendo por minutos nessa atitude que é propria do observador que contempla ruínas que se entrelaçam com o seu passado e fazem reviver a sua saudade.

Naquele sitio aí desolado, em que estivera eu, ha mais de 40 anos, sob o teto do vencedor de Cabalero, só restavam algumas arvores e essas mesmas quasi sêcas, demonstrando que não tardariam a morrer de todo, passando a nós esqueletos brancos das frondes que outrora ostentaram.

Talvez por isso e sentindo ali o hálito da morte, a minha lembrança, ao envez de ser excitada pela con-

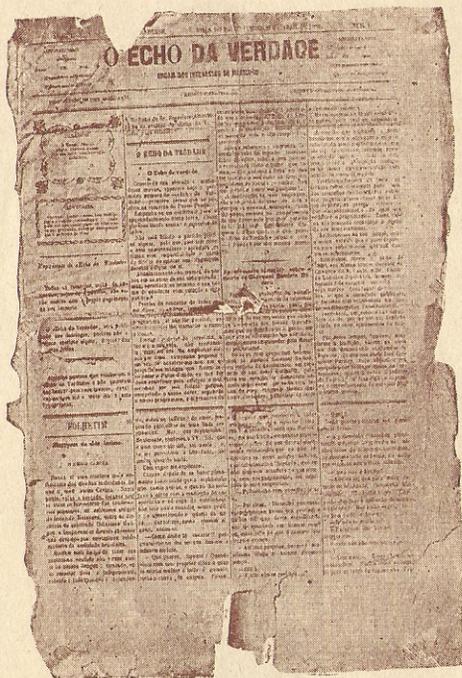
(*) Coronel Francisco Marques Xavier
Chicuta

templação do sitio, como que mergulhou em torpor...

É que as taperas como aquela, são como os túmulos: arrastam para realidade acabrunhadora o espirito, que, vendo-as assim tão tristes, tão desoladas, não pôde coordenar a sua manifestação num raciocinio lúcido — automatiza-se, sentindo mas não podendo exprimir o que pensa.

* * *

Tambem, depois que a História recolheu o sangue do martir que ali morou, por essa forma encerrando a fé de officio que ele trouxera da guerra da Tríplice Aliança contra Solano Lopes, para que viverem mais aquelas arvores, si eram, na sua decrepitude, arvores de um tumulo em cujo fundo a gloria de Chicuta não carecia de sombra para viver?!



Primeiro numero do "Echo da Verdade"

Administração do "Echo da Verdade"



Manoel Francisco de Oliveira
Gerente



Teodolindo Vilanova
Tipógrafo

O „Echo da Verdade”

Estou a relembrá-lo no silêncio desta hora, quarenta anos após a sua efêmera existência, transcorrida naqueles dias agitados que medeiam entre o advento da República e os primórdios da revolução federalista de 1893.

Primeiro jornal que aqui surgiu, era ele de publicação semanal e impresso, às vezes, em papel de côr que variava, pormenor que Gezerino Lucas Anes, seu ativo colaborador, pôz á bulha dizendo que os jornaes de Cruz Alta, quando estavam para desaparecer, desse modo é que saíam... E não se enganou em tal agoiro o espirituoso cronista, pois que, sobrevindo a transformação política decorrente do golpe de Estado que dissolvera o Congresso Nacional, pouco depois tinha o «Echo da Verdade» de desaparecer e para sempre, em seu lugar surgindo o «17

de Junho» que ainda mais curta existencia teve.

É com saudade que recordo esse tempo afastado, no qual era o «Echo da Verdade» um regalo para a minha meninice ávida de lêr, e que, por isso e á falta de livros, devorava quanto almanaque, bula de remedio ou impresso aos olhos lhe passasse...

Talvez notando tal pendor meu foi que, um dia, alma bôa que não pude ao certo apurar quem fosse, discretamente deixou á cabeceira de minha cama um volume que do Céu devera ter caído expressamente, dando o beneficio inestimavel que me veio prestar. Era ele «O Poder da Vontade», de Samuel Smiles, autor benemerito que com essa e outras obras do mesmo genero, tanto semeou para a mocidade colhêr na formação de seu carater.

Voltando, porém, á velha folha pas-so-fundense que com esta digressão deixei de lado, salientarei que era ela feita em prélo tão pesado e antigo, que parecia remontar ao tempo

de Gutenberg... Pelo menos o seu modelo copiava o que de mais velho havia na arte de imprimir, e o respetivo manejo, por isso, devia seriamente esfaltar o mísero impressor, de vez que, para colocar, imprimir e refirar o papel, tinha de fazer nada menos que dez movimentos diferentes, daí resultando que a impressão dos dois lados da folha reclamava apenas vinte operações...

Desse prélo tão avantajado em seu feitio, e que deveria ter sido fundido na preocupação de sair á prova de bala de canhão, talvez reste ainda, nesta cidade, o maciço corpo vertical, pois que não ha muitos anos tive ensejo de vel-o e quasi no mesmo estado em que o conhecera funcionando, sem que os anos decorridos lhe tivessem feito mozza.

As oficinas da folha eram no pre-dio que ainda hoje existe á rua Paisandú, ala norte, esquina da Quinze de Novembro. Dali, despachada pelo seu gerente Manoel Francisco de Oliveira — o Manequinho, como era conhecido, ia ela, aos domingos, le-

var a seus leitores, de par com as novidades locais da semana, de ordinario poucas, o artigo de fundo e a colaboração, na qual, com pseudónimos, se expandiam o mencionado Gezerino, sempre impagavel nas suas críticas, Antonio Manoel de Araujo, Saturnino Vitor de Almeida Pilar e Antonio José Pereira Bastos, este em versos politicos que se tornaram célebres na terra pela sátira formidavel que atiravam ao adversario.

Na redação, dirigida pelo coronel Gervasio Lucas Anes, escreviam tambem o dr. Candido Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos e Gasparino Lucas Anes, belo espirito que a morte desprendeu, moço ainda, em meio á revolução federalista, vitimado pelo tifo, em Lagoa Vermelha.

Na parte consagrada aos anuncios, faziam sucesso os de Gabriel Bastos, então negociante e dos mais fortes da terra, cujo comercio tinha ele revolucionado com um baratilho ahi famoso, mercê do qual o movimento

da sua casa se tornara simplesmente extraordinario.

Num desses anuncios começava ele dizendo que „nos tempos calamitosos da monarchia, quando predominava a vontade de um rei, a opinião popular era calcada por preços exorbitantes”, afirmativa que, em seguida, justificava em abono da recém proclamada Republica alardeando a barateza dos seus preços, que, comparados aos de agora, encheriam de pasmo a freguezia dos negociantes desta quadra de vacas magras.

Lamentavelmente a derradeira coleção que se sabia existir da velha folha passo-fundense desapareceu, razão pela qual, lembrando-a, só lhe posso consagrar as vagas reminiscencias que aqui deixo.

A nobreza de Miranda

Nesse tempo a viagem entre esta cidade, então villa, e Porto Alegre, não tinha a rapidez e conforto que hoje, graças ao caminho de ferro aqui inaugurado em 1898, oferece a quem queira ir á linda metrópole estadual.

Ia-se a cavalo, por Soledade, descendo a serra por péssima estrada e alcançando Rio Pardo onde, por pequeno vapor fluvial, se descia á Capital.

Por aí seguiu, de uma feita, Jerônimo Savinhone Marques, portador que por ser conceituado recebeu de varios amigos o encargo de levar quantias em dinheiro, que tinham de remeter para o centro comercial da Provincia.

Decorridos dias, estoura em Passo Fundo a grave noticia de que o vapor em que esse portador tinha descido de Rio Pardo havia naufragado, fato que poz em sobresalto os reme-

tentes de tais quantias, pelo prejuizo que dele poderiam receber.

Miranda (*), que tinha tambem feito remessa de dinheiro por Jerónimo, ao ter ciencia do falado naufragio, assim se manifestou:

— Não lastimo o dinheiro, e sim o chefe de familia que se perdeu.

Afinal se veiu a verificar que tal sinistro não passava de balela, mas o certo é que proporcionou ensejo para que ressaltasse com esse ditoa nobreza do estimado varão que o proferiu.

(*) Tenente-coronel Francisco de Barros Miranda, depois coronel

O registro de Fagundes

Nas investigações que de ha longos anos venho fazendo no passado local, muitas vezes tenho me detido sobre um ponto que sobremaneira as interessa e com relação ao qual, infelizmente, se anulam sempre as perguntas que ponho em campo no sentido de o resolver.

O ponto em referencia é este: que destino teria tomado o livro em que — di-lo tradição corrente que registrei nos «Anais do Municipio de Passo Fundo» (*) — costumava Joaquim Fagundes dos Reis, no velho tempo da sua vida em Passo Fundo, registrar os fatos da terra?

No inquerito assim feito, houve quem me dissesse que esse livro fôra consumido por alguém que, nele mencionado por fato desairoso, não queria aparecer chumbado á repreensão do austero cronista falecido.

Apesar da verosimilhança da in-

formação assim recolhida, não dei e não dou por terminada a pesquisa em tôrno ao falado livro, que bem pode ser exista ainda, reverentemente guardado por algum dos muitos descendentes do seu ilustre autor, semeados neste e outros municipios.

Dado que isso aconteça ou do destino de tal livro saibam, grande serviço me prestariam os mesmos si, a bem da história de Passo Fundo e do proprio renome de Fagundes, m'o trouxessem ou, não o tendo, qualquer noticia ou versão que delle houverem.

Deixando-lhes aqui este apêlo, fica-me a esperança de que seja atendido em consideração ao fim relevante que o inspira.

(*) Volume I, publicado em 1908.

13
Serra Velha

João de Vergueiro e a provin-
cia de Missões

Muitos anos depois que, nos „Anais do Municipio de Passo Fundo”, consignara eu a evolução que na extinta Camara Municipal daqui tinha tido idéa que, por duas vezes, em 1877 e 1884, lhe submetera a sua co-irmã cruzaltense, da criação de uma nova provincia na parte alta do territorio rio-grandense, traçada de Itaqui a São Francisco de Paula de Cima da Serra e tendo a denominação — de Missões, proporcionou-me a obsequiosidade do dr. Nicolau de Araujo Vergueiro o conhecimento de um novo subsidio ao assunto, consistindo na resposta, inédita ainda, que seu genitor capitão João de Vergueiro, então presidente da edilidade passo-fundense, dera a uma carta que a respeito lhe dirigira o coronel João Batista Vidal do Pilar, de Cruz Alta.



Capitão João de Vergueiro



Nessa importante missiva, começa o capitão Vergueiro por acentuar que tudo quanto o coronel referido lhe ponderara na sua carta, e tudo que a Camara do seu municipio havia exposto em officio á deste dirigido sobre a criação da idealizada provincia, não convencera da procedencia e utilidade do projeto, contra o qual sobreabundavam razões que por serem intuitivas não demandavam exposição.

Não bastava, prosegue, para felicidade dos povos, a autonomia da região banhada pelo Uruguai; tal autonomia nua de outras condições, seria talvez cornucopia de sensíveis males, e não mãe fecunda de benefícios.

A integridade da Provincia, assim como a do Imperio, acrescenta, cimentada nos sentimentos que mais nobilitam o coração do cidadão — o patriotismo, a nacionalidade — era um dogma que tinha profundas raizes na opinião.

A história do país, termina, a todo momento o comprovava: nos al-

tos poderes do Estado, pouco valiam as pequenas ou fracas provincias, porém muito as grandes e fortes.

Pelo resumo assim feito de tal carta, em que reforça a participação que como vereador e com a unanimidade da Camara de Passo Fundo tivera na votação do assunto em sessão pouco antes realizada, se pode ver quão firme era a opinião do capitão Vergueiro contra a frustrada idéa da criação da referida provincia.



Parada interrompida

Na malograda tentativa contra-revolucionaria de Fevereiro de 1892, feita pelos republicanos com o fim de retomarem o governo do Estado, de que tinham sido destituídos pela revolução de Novembro do ano anterior, levada a cabo em consequencia da dissolução do Congresso Nacional pelo marechal Deodoro, presidente da Republica, foi ponto de reunião dos contra-revolucionarios daqui a chácara do tenente-coronel Lucas José de Araujo, hoje velha casa cercada de basto arvoredo, que se vê no alto da coxilha que dos trilhos da estrada de ferro sobe para o Nascente, na avenida Mauá.

Tornada insustentavel essa posição deante a superioridade numerica das forças confrarias que guarneciam a cidade e para esta afluíam dos distritos, que estavam todos dominados pelo Governo, tiveram os re-

publicanos de valer-se de uma retirada para não serem envolvidos e batidos, movimento que executaram á noite, depois de iludirem a vigilância dos contrarios atraíndo-a para a referida chácara e fazendo, assim, com que lhes deixassem os mesmos livre a saída pela serra proxima, por onde ganhariam, ao Poente da cidade, a estrada de Carasinho.

Nessa retirada os contra-revolucionarios deixaram ocultas na dita chácara varias duzias de foguetes de dinamite de reforçada carga e que por isso, além de terem mais alcance, eram tambem de mais violenta explosão que os comuns; foguetes esses que para lá tinham sido levados com o fito de servirem como arma na eventualidade de combate, em que poderiam ser atirados ao adversario.

Trazidos para a cidade pela força que fôra revistar o acampamento dos retirantes, foram tais foguetes destinados á parada que as hostes do Governo, ao mando de Prestes

Guimarães, iam fazer no ato da sua dissolução após a vitoriosa jornada repressora da malfadada contra-revolução.

Estava a solenidade em referencia se realizando na praça Tamandaré, aí com raras casas, desarborizada ainda e tendo a maior parte dos seus terrenos abertos, quando um desses foguetes, mal soltado, estoura no meio dela derribando varios patriotas e interrompendo-a momentaneamente, sem outras consequencias.

A explicação do caso devia ser esta: era republicano aquele foguete...

A luz pública de dantes

Na graça natural que o distinguia tornando tão agradável a sua prosa, tinha Gezerino Lucas Anes repentinos que valiam ouro.

Roda em que ele estivesse, já se sabia: era, pela certa, manancial de gargalhadas.

Para apreciar fato ou caracterisar pessoa, o seu golpe de vista assumia a precisão de uma luva.

Não se podia com a sua veia, cuja espontaneidade se patenteava ao pé da letra, desnorteando o parceiro.

Pouco depois do advento da Republica, a municipalidade, numa demonstração de zelo pelo bem publico, mandou colocar lampeões nas ruas, para iluminal-as: serviço de verdadeira oportunidade e indiscutível benemerencia, atendendo-se a

que, mesmo na principal via urbana, que era a rua do Comercio, hoje avenida Brasil, á noite, as vacas leiteiras dos moradores, não raro em grupos, deitadas na escuridão, constituíam perigo tal ao transeunte, que si este, passando, não se precatasse no andar, lá por fôlhas tantas seria suspenso pelas aspas de alguma delas, que de inopino se levantasse.

Infelizmente, porém, os lampeões em que consistia aquele surto de progresso filiavam-se a modêlo assaz primitivo, formando uma pirâmide invertida no alto de grossos postes de quatro faces, que primavam por feição contemporanea dos célebres esteios de cérne que a gente velha da terra, na transição da casa de pau a pique para a de alvenaria em tijolos, colocava de distancia em distancia, nas parêdes, para que as mesmas, assim, ficassem mais sólidas...

Combustores de querosene, si a cumação deste os enegrecia fazendo fom que ao longe a respetiva luz pa-

recesse um vagalume vermelho, por mal dos pecados tinham, ainda, o fundo de lata, do que resultava que a claridade, interceptada na sua projeção pelo mesmo, abria em ródá de cada poste uma outra pirâmide com a sombra de tal fundo, sombra essa que contrastando com a baça luz do lampeão, se tornava ainda mais escura que a da propria noite.

Tudo isto e mais a afastada distancia dum poste a outro, talvez não inferior a 200 metros, pois que a área da iluminação era vasta e os lampeões não iriam além de uns dôze, fazia com que a luz pública da então vila se tornasse deficientissima e o espirito de Gezerino, mariposa irrequieta, desde logo entrasse a espiralar em tórno a tais fócios, que mais eram de fumaça e sombra, que de luz.

Daí a razão porque, colaborador do „Echo da Verdade”, onde a sua veia pihlerica inconfundível não lograva esconder-se em manto pseudonímico, de

uma feita retratasse a primôr o serviço em referencia, dizendo que, para se verificar si a luz referida estava acesa, era necessario, primeiro, riscar um fósforo...

Semente prodigiosa

Na revolução de Novembro de 1891, que no Estado apeiou do poder o dr. Julio de Castilhos, substituindo-o por uma junta governativa, reuniu o partido federalista uma numerosa força nesta cidade, sob o comando do, aí, coronel Antonio Ferreira Prestes Guimarães, tomando conta das posições locais.

Nessa ocasião, levantada sem duvida por algum tróquista, surgiu aqui uma grande nova:

Como premio aos patriotas que a tinham prestigiado tomando armas em favor da revolução vitoriosa, a junta governativa referida lhes distribuiria, quando fossem dissolvidos, a semente de uma planta extraordinaria que, semeada, produzia mandioca na raiz, cana de assucar na paste, arroz na flor, e milho na eshiga...

Teria sido uma recompensa inestimavel, si não fosse o inverosimil de tanta virtude reunida numa só pilheria.

Combate frustrado

Naquela húmida tarde de 93 — quadra terrível na história deste município — chegou á fazenda de Santa Cecilia, em Campo do Meio, aí pertencente, ainda, a seu primitivo dono Ramon Rico, conhecido por Dom Rico e que lá morava, uma pequena força que, sob o comando de um tenente, vinha da guarnição republicana que em Lagôa Vermelha tinha o capitão Chachá Pereira. Destinava-se tal contingente a esta cidade, e ali resolvêra pernoitar.

Não sei si em virtude de prévia combinação ou por acaso, na mesma fazenda appareceu tambem, momentos depois, saída dos matos do rio do Peixe onde andára em diligencia, a Guarda Municipal de Passo Fundo com o seu comandante capitão Francisco Brizóla, tambem para pousar.

Com esse duplo reforço e o pessoal que na fazenda mantinha reuni-

do o tenente-coronel Leoncio Amando Ozana Rico, filho do fazendeiro aludido, a gente legalista se elevou ali a uns cento e poucos homens, circunstancia que aliada ao fato de não haver noticia de força contraria alguma nas imediações, fez com que a guarnição acidental assim constituida se deixasse ficar mais ou menos á vontade, convencida de que nenhum perigo lhe poderia sobrevir durante a noite, que não tardava a descer.

Assim dispostas as cousas na fazenda, se pôde avaliar o alarme que, horas depois, quando o acampamento estava já em silencio, causaria cerrado tiroteio que se faz ouvir nas proximidades do mesmo.

Foi um movimento extraordinario na força republicana, assim obrigada a mover-se inesperadamente a bem da sua defesa.

Péga cavallo daqui, corre dacolá, formam-se linhas, sai um piquete a reconhecimento, emfim era o combate já travado e, o que era peor, na

mais completa ignorancia de quem fosse o inimigo e o seu poder ofensivo.

Horas decorridas nessa apreensiva situação, vem afinal a ser esclarecido o caso com a volta do piquete explorador: numa venda situada próximo, tinham se reunido varios individuos que, depois de libação alcoólica sem dúvida copiosa, resolveram alegrar a noite com o froteio que tanto alvoroço fizera no acampamento republicano.

Era, pois, um combate de cachaça.



O Monge

Logo depois da pacificação que puzera termo á revolução federalista no Estado, passou ele por este municipio onde, ao que conclúo, já antes estivera uma ou mais vezes.

Segundo parece, o seu roteiro buscava sempre a gente humilde, na campanha e matas, não constando que apparecesse em povoações.

Dizia chamar-se João Maria de Agostinho, e, ao que se narrava, devia ser estrangeiro e homem de certo preparo.

Da sua procedencia, porém, nada se sabia, nunca se soube; era misterio fechado.

Seus conselhos que ao meu conhecimento chegaram naqueles tempos, aqui e no sertão de Santa Catarina e Paraná, que percorri em 1893 e 1894 e onde achei tradição da sua passagem, eram sensatos; só aconselhava para o bem e fortalecendo o

sentimento religioso do povo, num sentido que parecia não ter ligação com igreja ou corrente alguma, é certo, mas que nem por isso deixava de ser cristão.

Lá, como aqui, frequentemente se encontrava a alta cruz de cédro, ás vezes com flores plantadas em tórno, dentro de pequeno cercado á frente da casa do sertanejo, e que diziam provinha de sugestão ou conselho dele.

Espirito místico e por isso mesmo desprendido, nem sequer aceitava o pouso que lhe ofereciam nas casas que visitava, preferindo dormir ao relento, a que sem duvida o habituara o seu longo jornadaear pelo sertões.

Como obsequio da hospitalidade sempre grata que lhe davam, se contentava, apenas, com umas couves para a sua pobre refeição.

Não era, pois, nem um explorador, nem um fanatisador do povo sertanejo.

E o fato o dignifica tanto mais quanto era certo que, si quizesse

sel-o, de certo a veneração que o cercava nos sertões do sul brasileiro lhe teria proporcionado isso, o que nunca se disse e jamais apurei na minha passagem por eles.

Seria, talvez, algum coração ferido por fatalidade qualquer, e que, para esquece-la ou, quem sabe! purga-la, tivera renunciado o convívio da civilização no meio em que vivia, para buscar no seio quieto e misterioso das florestas, entre a gente simples e bôa que lá vive, a consolação que o mundo culto lhe não podia mais oferecer.

Tal a minha suspeita e também a razão porque, percorrendo-as naqueles dias fratricidas, e encontrando a fama sua, evocada pela alta cruz de cédro fronteira á casa do sertanejo, tinha eu simpatia por ele e desejava ve-lo e ouvi-lo, o que nunca logrei realizar.

Não admira, pois, que em tórno á sua peregrinação pelos sertões, se tecessem narrativas de cunho lendario, mercê das quais assumia ele proporções de santo.

Entre outras cousas que a seu respeito corriam, se dizia que conseguira visitar o grande toldo que os índios botocudos tinham nas proximidades do Taió, em Santa Catarina, fato que, a ser verdadeiro, não deixaria de recomendar-lhe a coragem e desprendimento, dado o rancor de tais índios para com a gente civilisada.

*
* *

Conta-se que num dos combates neste município travados naquela revolução, havia nos chapéus dos revolucionários aí tombados, um galho de planta do campo...

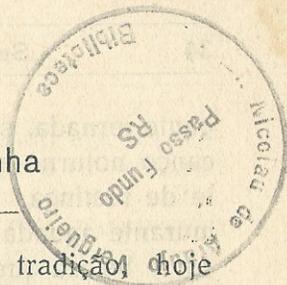
Era a «herva do Monge»... Era o misticismo cristão desse peregrino dos sertões que se transformara em funebre homenagem aos bravos que, assim, tinham perecido em holocausto á sua conciencia civica.

A luzinha

Narra velhissima tradição, hoje bordada de imaginosos detalhes que tive o cuidado de excluir após indagação feita nas cercanias do local em que desenrolou-se o triste fato em que assenta ela, que, no campo dos Tres Passos, situado no 5.º distrito, fizera pouso, uma tarde, um casal, morador na Entrada do Mato Castelhana e que consigo trazia uma filha, menina ainda, tendo de 8 a 10 anos de idade.

Pouco depois, chegavam tambem ao mesmo local, entrando a palestrar e chimarrear com o chefe desse casal, dois conhecidos dele, um dos quais seu compadre.

Não consegui apurar o tempo que teria durado tal prosa, nem o tom que a caraterisara inicialmente: si amistoso, como de praxe entre viajantes que ao fim do dia, após fati-



gante jornada, se reúnem para o descanço noturno em sombreado recorte de restinga, á margem de murmurante aguada e a gosar do frescor e beleza que são proprios de sitio primitivo e êrmo como era então o de que se trata; ou, ao contrario, picado por algum antigo ressentimento ou complicado negocio pendente entre os circunstantes.

O certo é que, alta hora da noite que, em seguida, caiu sobre a roda assim formada, appareceu na casa de um morador da serra proxima, distante mais de uma légoa do ponto em referencia, a menina aludida, que viéra a pé, através mato despovoado ainda, vencendo percurso apenas trilhado por estreito e cerrado pique, e tendo contra si, além disso, a escuridão da noite.

Narrou ela, aí, a imensa desgraça que desabara naquele pouso e a obrigara a fazer, em tais condições, o trajeto descrito: haviam lá sido assassinados seus pais pelos dois

homens referidos, tendo ela, na ocasião, conseguido fugir e se ocultado na folhagem de uma arvore caída; sendo que, depois de consumarem tal crime, a finham procurado muito os assassinos, passando varias vezes junto ao esconderijo dela e dizendo entre si que a não podiam deixar, que era necessario encontra-la: porem, maior indicativo de que pretendiam mata-la tambem, sem duvida pela consideração de que, ficando viva, naturalmente iria servir de testemunha contra eles.

Surpreendido com o exposto e pesando o extraordinario que cercava o aparecimento da recém-chegada, perguntou-lhe o morador como tinha ela podido fazer aquella travessia.

Respondeu que viéra seguindo uma luzinha que se conservava sempre á sua frente, a certa distancia.

*
* *

Tal, em resumo, a tradição do ve-

lho crime cuja memoria ter-se-ia já de certo apagado si não fosse o ter para guia-la nas brumas do longo tempo que sobre ele passou, a claridade misteriosa que em seu caminho foi projetada por essa luzinha salvadora da mísera creança orfanada no trágico pouso.

A panela da rua Moron

Era corrente, nos ultimos dias do Imperio, que, no cruzamento das atuais ruas Moron e Quinze de Novembro, nesta cidade, então vila, jazia enterrada uma panela de dinheiro...

Provas disso, na crença popular, eram, de um lado, a espessa moita de capim Santa Fé que lá existia; e de outro, a versão de que no lugar, ainda baldio, abeirando a mata que dali foi repontada depois, e sulcado por córrego profundo que manava de lagôa formada no centro da depressão hoje ocupada pela quadra em que está instalado o "O Nacional", assombramentos eram vistos de vez em quando, fazendo, naturalmente, com que o transeunte crédulo que por lá passasse á noite, sugestionado pela má fama do sitio, o transpuzesse de ôlho acêso e com o coração a trabalhar com mais pressa que normalmente.

A lenda assim talhada e localisada, quando ao meu conhecimento chegou, já não era nova. Pessoa antiga da terra, palestrando comigo um dia, narrou-me que ali, muito antes, em velhos tempos, aparecera, certa vez, uma excavação sorrateira que vinha sendo trabalhada de noite, sem que se soubesse quem era o autor.

Pesquisado o caso pela curiosidade indiscreta do povo, que tudo procura devassar, veio o paneleiro cavador a ser descoberto e, diante disso, julgando ocioso continuar ocultando a sua obra, passou a fazê-la de dia, escancaradamente.

Gaiato que disso tivera conhecimento, querendo armar-lhe uma troca, munuiu-se de umas moedas de ouro e, fingindo interesse na empresa, apareceu-lhe propondo-se auxiliá-lo mediante a divisão do resultado dela.

Aceita a proposta assim formulada, desceu logo ao buraco onde o paneleiro estava a cavar, e, com ele, começou a trabalhar a bem da sociedade.

Momentos depois, aproveitando ensejo em que o paneleiro estava embebido na tarefa, deixou o trocista caírem as moedas e, dando uma pásada na terra, gritou que a cousa estava ali...

Excitado com isso e vendo as moedas relampejarem, atirou-se alucinadamente a elas o paneleiro, dizendo serem suas porque tinha sido primeiro a cavar o entêrro...

O outro, que só troçar tinha em vista, de logo contestou-o com fingida veemencia, á sua vez alegando que fôra quem descobrira o negocio, e portanto suas é que eram tais moedas.

O desacôrdo assim irrompido foi crescendo e a tal ponto chegou afinal, que a brincadeira passou a briga de verdade, engalfinhando-se os dois dentro do buraco e sendo necessaria a intervenção de terceiros para os separar e acalmar.

*
*
*

Hoje, a gente nova que ali passa

não é capaz de supôr quanta historia gerou, naqueles tempos, a lendaria panela que deu causa a tal desguisado.

Zona lendaria

Merece este qualificativo o campo da Entrada, na parte em que, um dia, em velhos tempos da historia passo-fundense (1), veio fixar-se constituindo vasta fazenda, hoje subdividida em inúmeras frações, o assaz lembrado José Domingues Nunes de Oliveira a cuja memoria tive já ocasião de aludir em outro volume que publiquei (2).

E' que, na formação do ambiente psicológico de um lugar, tem o passado influencia, naturalmente exercida na proporcionalidade da emoção que origine ele; e tal fator é tão importante na zona em referencia que, para excitar a imaginação popular, oferece etapas de alta sugestão como sejam a cruza-

(1) Mais ou menos em 1828.

(2) "Terra dos Pinheirais", impressa em 1927.

da jesuitica (3), em tórno a cuja evocação jamais deixa de aflorar a crença dos tesouros enterrados; o dominio hespanhol (4), recordando as lutas que as duas poderosas côrtes rivais, de Lisbôa e Madrid, entre si e como que antevendo a importancia futura da terra disputada, sustentaram por motivo da posse do noroeste, ocidente e sul do espaço que hoje constitue o nosso Estado; e finalmente, já nos dias do Brasil emancipado, a quadra dos indios no Mato Castelhana (5), em que, no

- (3) O territorio do Municipio fez parte das historicas Missões Orientais do Uruguai, desses religiosos.
- (4) Perdurou, nas mesmas Missões, de 1756 a 1801, quando foram elas incorporadas ao Brasil.
- (5) Resumida em "Anais do Municipio de Passo Fundo" e "Terra dos Pinheirais", ja citados. Tambem nas "Memorias" de José Garibaldi, e nas "Missões Orientais e seus antigos dominios", do dr. Hemetério J. Velloso da Silveira, ha referencias ao assunto.

trágico dos assaltos dos mesmos, põe nota pitoresca o bichará (6) do citado fazendeiro, a servir de salvo-conduto aos que, por estreito e cerrado pique, tinham de romper as tres légoas de tal brenha, tornada aí sitio de pavor deante a frequencia de semelhantes ataques (7).

Murado ao nascente pela floresta que desse modo se assinalara, e bordado de capões e restingas entre os quais não faltavam adormecidas lagoas—genero de aguada que sempre foi inspirador de fantasiosas versões—de certo que o campo da Entrada teria ainda no seu panorama, assim caraterizado, outros incentivos á particularidade que lhe aponto e vou justificar á luz do seu opulento folclor.

Seja primeiro a entrar em revista o seu famoso capão da Guar-

- (6) Pala grosso, de lã, tecido e usado em nossa campanha.
- (7) Na sua referida obra, o mesmo dr. Hemetério descreve um desses assaltos.

da, que á precedencia se recomenda pela sua posição elevada, mercê da qual teria sido, talvez, escolhido para ponto de permanencia da guarda que, refere antiga tradição (8), lá estivera, no tempo do dominio hespanhol, para vigiar a fronteira com as terras de Portugal, traçada, aí, pelo Mato Castelhana.

Com assento em tal fato, andam em tórno desse capão lendas varias, em que o fundo da narrativa é sempre o magno assunto do dinheiro enterrado, que tanto anima e delicia as cavaqueiras do povo ao silencio da noite, na zona rural do Municipio.

Vem depois a célebre lagoa em que, di-lo outra lenda, os Jesuitas, em fuga, mergulharam uma carretilha cheia de cousas de ouro, para que não fosse presa da lusitana gente, que lhes ia ao encalço.

Seguem-se *panelas* varias, aqui e ali apontadas, mas que, apesar

(8) Reproduzida nos citados "Anais do Municipio de Passo Fundo".

disso, continuam no seio da terra, á espera de que as desvende algum cavador afortunado.

Vem afinal, fechando com chave de ouro tal série de lendas, o misterioso gritador noturno que desde velhas eras — afirma-se lá — se faz ouvir em um pontão e cujo grito desce rio do Peixe abaixo, sem que ninguem lhe saiba o termo da extraordinaria jornada...

É pois uma zona lendaria essa em que, no rubro capitulo que os indios escreveram no Mato Castelhana com as suas aceradas flexas embebidas no sangue dos tropeiros, tanto avulta a tradição do papel de José Domingues Nunes de Oliveira.



A PIPOCA

"Arrebenta pipoca,
Maria Sororoca"
— a miuçalha dizia
quando o milho-pipoca
na panela frigia.

E a pipoca se abria
como flor, na panela,
fato que convencia
ter poder sobre ela
Sororoca Maria.

Vezes, porém, havia
deparando esta troca,
certo por zombaria:
Mais piruá que pipoca
dava a dita Maria...

Nem por isso ocorrer,
se fazia pipoca
sem a roda dizer:
"Arrebenta pipoca,
Maria Sororoca".

Bandeirinhas coerentes

Fôra aspiração de longa data,
na então vila de Passo Fundo, a
respetiva ligação á rêde telegrafica
nacional, cujo ponto mais proximo
era Cruz Alta.

Afinal, um belo dia a máquina
governativa da Monarquia, já enve-
lhecida e gasta, chegou ao termo da
laboriosa rotação necessaria para tal
beneficio aos vassalos imperiais que
em tão remotas plagas moravam,
e um contingente de engenharia mili-
tar sob a direção do, aí, major Ben-
to Ribeiro Carneiro Monteiro, muito
depois falecido, ao cabo de brilhante
carreira, no posto de Marechal, avan-
çou da referida cidade para cá, ex-
tendendo a reclamada linha.

É de ver que Passo Fundo,
assim satisfeito em seu desejo tão
justo, recebe-la-ia com abundancia
de regosijo, preparando-lhe, para is-
so, festa de vulto, a ser feita no dia

da inauguração do serviço e para a qual havia quantidade de bandeirinhas do Imperio, que provavelmente deveriam ser utilizadas em galhardetes na estação a ser aberta, ou algures.

Como, porém, nas cogitações humanas ande sempre metido atrás da porta o imprevisto, não raro alterando e, até, ás vezes, chegando mesmo a pôr abaixo todo o castelo formado nelas, cousa de alta gravidade não tardaria a intrometer-se nos preparativos daquela festa, abalando-a ou, pelo menos, tirando-lhe boa parte do volume e brilho que, si não fosse isso, de certo teria apresentado.

Foi o caso que, chegada a construção da linha a ponto entre Carasinho e Estancia Velha, e sendo lá montado um aparelho de campo que trazia a respetiva comissão, o que haveria de acontecer? Apenas isto: um telegrama que parecendo ter vindo da Lua — tal a surpresa que encerrava — era recebido anun-

ciando que fôra proclamada a Republica no Brasil...

Ao estouro de semelhante noticia na Vila, claro é que a festa em preparo para a chegada do telégrafo passaria logo a segundo plano, como passou, cedendo o primeiro ao grande acontecimento referido, em cuja sensacional repercussão sobrenadava o receio de graves consequências, fundado na consideração de não estar o país — dizia-se — preparado para aquela mudança de instituições, e correr, portanto, o risco de ser convulsionado por ela.

Felizmente o receio assim manifestado era logo desfeito pela acolhida que a nova Republica encontrara na vastidão do abatido Imperio, só dissonante na Baía, cuja attitude, entretanto, fôra removida sem demora.

Por esse modo clareada a situação nacional, chegou enfim o dia da inauguração do telégrafo na vila, realisando-se aí a festa em referencia, mas, além de circunscrita a

um carater mais ou menos official, sem as bandeirinhas que lhe haviam sido destinadas . . .

Explica-se: monarquistas, não podiam elas, por fidelidade a seus principios, tomar parte naquella festa da Republica.



Tenente-coronel Francisco de Barros Miranda
Comandante do 5.º corpo de cavalaria da Guarda
Nacional, de Passo Fundo
(Depois coronel)



Quartel do Commando do 5.º
Corpo de Cavallaria de Gs. Ns.
do Passo Fundo em 7 de Março
de 1865.

Convocação historica

O documento a seguir evoca a participação de nossa terra na grande campanha militar que, de 1865 a 1870, a Tríplice Aliança constituída pelo Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental do Uruguai, sustentou contra o governo do Paraguai, aí exercido pelo ditador Solano Lopes:

"Quartel do Commando do 5.º
Corpo de Cavallaria de Gs. Ns.
do Passo Fundo em 7 de Março
de 1865.

Illmo. Snr.

Por officio do Snr. Cel.
Commandante Superior da-
do de hontem foi comunica-
do a este Commando, que S.
Exa. o Snr. Presidente da Pro-
vincia, por acto n.º 25 de 11 de
Fevereiro do corrente anno,

chamou a serviço de destacamento o 5.º Corpo de Cavalaria de Gs. Ns. sob o meo commando, para seguir a Fronteira de S. Borja, neste sentido hoje officiei ao Commandante interino da sua Companhia; portanto convem que V. Sa. assuma quanto antes o commando da mesma para no dia 26 do corrente mez, apresentar-se neste Quartel com todos os seus commandados, promptos para marchar-mos com destino a referida fronteira, conforme as ordens superiores.

Confiado do patriotismo e zelo de V. Sa. pelo serviço nacional, espero que cumprirá exactamente o que ora tenho ordenado.

Deos Guarde V.Sa.

Illmo. Snr. Capitão João Luis dos Santos.

D. Commandante da 4.ª Companhia.

(a) Francisco de Barros Miranda
Te. Corel. Comd.e”

Como de seu teôr decorre, teria sido esse historico officio dirigido tambem ás demais companhias do corpo, conclusão tanto mais evidente quanto é certo que a unidade, assim chamada ao serviço militar, pouco depois marchava para o destino indicado na convocação, lá incorporando-se á brigada sob o commando do coronel Antonio Fernandes de Lima, pertencente á divisão do general David Canabarro; brigada cujos outros corpos eram o 10º, o 11º, o 22º e o 23º, organizados noutros municipios da então Provincia.

Invadida esta, no dia 10 de Junho de 1865, pelo exercito paraguaio de Estigarribia, não tardou que a brigada referida se chocasse com o mesmo, o que aconteceu no Butuí, proximo a São Borja, na manhã de 26 daquele mez, travando-se aí memoravel combate em que, atacando ela a vanguarda do invasor, derrotou-a pondo-o em retirada e perseguindo-o.

Na disposição desse combate,

coube ao 5º corpo ficar em proteção ao 23º, que com os clavineiros do 22º devia atacar a direita do inimigo, secundado pelos 10º e 11º, que, apoiados no resto do mesmo 22º, respetivamente acometeriam o centro e a esquerda dos paraguaios.

É tradição aqui que o corpo passo-fundense, inexperiente ainda, carregou impetuosamente sobre a linha inimiga, rompendo-a, situação em que a mesma, formando-se de novo, deixou-o cortado obrigando-o a outra violenta investida para poder salvar-se.

Nesse batismo de fogo perdeu ele varios elementos, entre os quais o capitão Antonio Ferreira Terres, José Cipriano Ferreira, Silverio Alves de Oliveira e outros, cujos nomes não consegui apurar.

Seguindo depois para Uruguaiana, com a sua brigada tomou parte no cêrço e assistiu á rendição da mesma praça, verificada no dia 18 de Setembro do mesmo ano, de

lá passando para Corrientes, incorporado ao exercito que se dirigia ao Paraguai, com o qual os seus elementos, distribuidos por outras unidades, fizeram toda a campanha, recomendando-se pela sua bravura e conquistando, muitos deles, notas militares as mais honrosas. (1)

Souberam, pois, honrar á Patria os bravos passo-fundenses do glorioso corpo cuja convocação relembro nesta pagina lamentando não pudesse, por falta de dados, fazer o mesmo com relação aos demais corpos que daqui marcharam para a inolvidavel campanha, e que não menos se recomendaram pelo seu valor. (2)

-
- (1) Em "Anais do Municipio de Passo Fundo", vol. I, ha uma relação dos que se destacaram na campanha.
- (2) A citada relação abrange tambem estes corpos.

A BANDEIRA

No silencio da velha fazenda (1) em que, na infancia, passei tempo que mora na minha saudade, ouvia eu, ás vezes, distante rufar de tambor anunciando a passagem de bandeira que, reunindo fundos para festa religiosa, de casa em casa percorria a vastidão da campanha em derredor.

Em certa ocasião appareceu lá uma bandeira dessas, conduzida por pequeno grupo de foliões (2). Como de costume, foi alvo de religioso acolhimento, saindo a recebe-la e beijando-a, no pateo fronteiro, toda a familia e escravatura da casa, enquanto os foliões, ao som de vio-

(1) Boa Vista da Forquilha, no municipio de Lagôa Vermelha.

(2) Eram assim designados os encarregados da colêta, aos quais de ordinario cabia, como remuneração, uma percentagem da mesma.

la, ferrinhos e tambor (3), cantavam annunciando a chegada do Divino e saudando o lar que, assim, os recebia.

Dessa vez a bandeira pernottou na fazenda, repetindo-se no interior da casa as canções de seus portadores, que pela mesma fórma agradeceram as dádivas, á medida que estas foram sendo feitas.

Na manhã seguinte retirou-se ela com ceremonial identico ao da sua recepção, por parte dos moradores, e novas canções dos foliões.

Depois disso, jamais tive ensejo de presenciar o aparecimento de bandeira religiosa em vivenda rural, porque do campo fui deslocado para a vida urbana.

*
* *

Tambem neste municipio era uso a saída de bandeiras á campanha, pela maneira acima descrita, mas

(3) A esse grupo de instrumentos era, ás vezes, adicionada uma rabeca.

creio que já de ha muitos anos se o não observa mais.

E' que o vento do Progreso, no seu incessante soprar, vai aos poucos varrendo os sinais do passado, para que em lugar deles se ergam as concepções do presente, inspiradas noutras idéas e subordinadas a outras circunstancias.



Dr. James de Oliveira Franco e Souza



Dr. James de Oliveira Franco e Souza

A 7 de Setembro de 1875, na vila de Soledade (1) que aí era termo da nossa comarca, assumia este illustre magistrado as funções de juiz de direito de Passo Fundo, nas quais foi o primeiro nomeado (2).

Nascera ele em Morretes, Paraná (3), aos 13 de Junho de 1841,

-
- (1) Fato que teria decorrido, por certo, da circunstancia de ser a mesma vila ponto de passagem da estrada que do centro provincial vinha para Passo Fundo e pela qual as comunicações, a esse tempo, eram feitas a cavalo.
 - (2) Entre a criação da comarca e a posse do dr. James, oficiou como juiz de direito, na qualidade de substituto legal, o juiz municipal e de órfãos dr. Benedito Marques da Silva Acauã
 - (3) Pertencia então a São Paulo o territorio do Paraná, que só veio a constituir provincia em 1852.

sendo filho do capitão Manoel José de Souza e d. Carlota Angelica de Oliveira Franco.

Órfão de pai aos 5 anos de idade, e mudando-se, aí, a família para Curitiba, na mesma cidade fez o curso de primeiras letras e começou o de humanidades, que foi terminar em São Paulo, onde, a seguir, matriculou-se na Faculdade de Direito, vindo a receber o grau academico em 26 de Novembro de 1864 (4).

Transferindo-se então para o Rio Grande do Sul, nesta então Província, a 17 de Maio de 1863, em Cachoeira, contraiu matrimonio com d. Angelica Candida Macedonia, nascida na cidade de Alegrete a 8 de Julho de 1854 e filha de Leonardo

- (4) Foram seus condiscipulos, na Faculdade, Teixeira de Freitas Junior, Melo Matos, Carlos Thompson Flores, José Carlos Rodrigues, Antonio da Silva Prado e outros jovens mais tarde notaveis. Por ocasião da sua formatura, prestou ele o compromisso respectivo ante o Barão de Ramalho, então diretor da Faculdade.

da Costa Carvalho Macedonia e d. Virginia Vilela Macedonia (5).

Entre a sua chegada ao Rio Grande do Sul e o momento em que foi nomeado juiz de direito de Passo Fundo, exercera ele, sucessivamente, os cargos de promotor publico em Rio Pardo, Alegrete e Cachoeira, e juiz municipal e de órfãos em Alegrete e Rio Pardo.

Como prova da maneira honrosissima porque se conduziu no exercicio do seu alto cargo aqui, onde permaneceu até 7 de Outubro de 1878, recebeu ele, da municipalidade passo-fundense, o expressivo officio que segue:

- (5) Deste matrimonio, deixou ele os seguintes filhos: dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza, advogado, catedratico da Faculdade de Direito de Porto Alegre, e presidente da secção da Ordem dos Advogados Brasileiros, deste Estado; dr. Artur Franco e Souza, medico, professor da Faculdade de Medicina e da de Direito, na mesma cidade; Mario Franco e Souza, residente no municipio de Jaguarí; dr. Carlos Franco e Souza, engenheiro, residente em São Paulo, e d. Virginia Franco Masson, viuva do dr. Rodolfo Machado Masson. Destes filhos são já falecidos o segundo e o quarto.

“Illmo. Sr.

Em officio de 7 do corrente mez, participou Va. Sa. a esta Camara, ter passado na mesma data ao Dr. Juiz Municipal dos termos reunidos de Passo Fundo e Soledade, a jurisdicção do cargo de Juiz de Direito desta Comarca, visto ter sido, por Decreto de 9 de Setembro findo, removido desta para a Comarca de Santa Maria. Ao retirar-se expressa Va. Sa. seus agradecimentos á Camara pela coadjuvação que sempre dispensou-lhe e a harmonia com que se houve para com Va. Sa. no tocante ao serviço publico, bem como agradece, por intermedio della, representante immediata da população do municipio — a consideração e estima tributada ininterrompidamente pelo pacifico e morigerado povo do lugar.

Cumpra a esta Camara tanto por si, como em nome de seus municipes, render nesta occasião a Va. Sa. testemunho inequivoco e sincero de suas homenagens; visto que

a quotidiana observação dos factos convence que Va. Sa., durante o tempo de sua judicatura na Comarca, procurou sempre cumprir nobremente, com imparcialidade e justiça, as attribuições do honroso cargo de Magistrado.

A Camara, pois, e o municipio sentem a retirada de Va. Sa., ella e o povo que representa jamais esquecerão o Juiz integro e illustrado — que ao partir deixa na comarca, além das saudades pela ausencia, os fulgurantes exemplos da mais bella tradição no fôro. A Camara almeja que Va. Sa. em sua nova comarca, sacerdote da lei, continue a colher as palmas só reservadas ás togas immaculadas. — Deos Guarde a Va. Sa.

Paço e sala da Camara Municipal da Villa de Passo Fundo, em 10 de Outubro de 1878.

Illmo. Sr. Dr. James de Oliveira Franco e Souza, M. D. ex-Juiz de Direito da Comarca. (assignados)

José Pinto de Moraes — João Schell — João Jacob Müller Filho — Domingos Pereira Gomes — Frederico Graeff — Joaquim Bernardes Vieira.”

Na sua permanencia aqui, fez ele parte da loja maçônica Concor- dia III, sendo Veneravel da mesma.

Continuadora de tal oficina, a loja Concordia do Sul, ha anos, ren- deu-lhe solene homenagem, creando em seu recinto a Biblioteca Dr. James Franco e colocando o seu re- trato no respetivo salão de honra.

Daqui saindo, o dr. James, de- pois de servir em Santa Maria, Rio Pardo e Cachoeira, ascendeu á Re- lação da Provincia, como dezem- bargador, tendo tambem, ainda no regimen monarchico, exercido o car- go de chefe de policia do Rio Gran- de do Sul.

Passando, da antiga Relação, para o Superior Tribunal do Es- tado, corporação que presidiu por

longos anos, no mesmo se conser- vou de 13 de Janeiro de 1893 a 26 de Maio de 1914, data em que, a seu pedido, foi aposentado com 43 anos de serviço publico (6).

Além de tais funções, exerceu tambem as de fiscal do governo fe- deral junto á Faculdade de Direito de Porto Alegre, e foi, por muitos anos, grão-mestre do Grande Orien- te do Rio Grande do Sul, cargo que occupava ainda por ocasião de seu falecimento, ocorrido na mesma ci- dade a 18 de Maio de 1918 (7).

Tais são, em resumo, os prin- cipais traços da brilhante carreira do illustre magistrado extinto, da qual esta comarca tem razão de ufanar- se porque, além de ter sido seu pri-

(6) Foi tocante a sua despedida do Superior Tribunal, no dia 6 de Junho do mesmo ano, e dela se encontra detalhada noticia n'A FEDERAÇÃO do dia seguinte.

(7) Sua encomendação foi feita pelo ritual ma- çonico, no templo do Grande Oriente re- ferido, que em sua revista O DELTA, do mesmo mez, lhe consagrou eloquente ho- menagem, acompanhada do seu retrato.

meiro juiz, tambem aqui foi que entrou ele para a magistratura do Rio Grande do Sul, que tanto honrou na sua longa e gloriosa atividade (8).

- (8) Devo ao ilustre dr. João Solon Macedonia Soares, sobrinho do dr. James, a maior parte dos subsidios que serviram de base a este trabalho; sendo que, para isso, obteve ele preciosas notas do eminente dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza.



Gasparino Lucas Annes

Primeiro presidente do Club Amor á Instrução
(1884)

O CLUBE

Assim o chamavamos nós, a gente velha da terra, no ido tempo em que era ainda o vasto chalé que foi, construido para dentro do alinhamento da rua do Comercio, hoje avenida Brasil.

Erguera-o para sua sede o Club Amor á Instrução, fundado em 1884 e que nele veiu a instalar-se em 1890, mais ou menos, para em seguida, com as perturbações graves que se desenrolaram no Municipio perdurando até 1895, em que foi feita a pacificação do Estado, cair em paralisia e desta em adormecimento, do qual não mais despertaria, embora isso fosse tentado, depois de tal periodo, com a convocação de uma assembléa geral, feita pelo socio Antonio Manoel de Araujo, que dele fôra membro saliente.

Na quadra revolucionaria citada, tornou-se ponto de aquartela-

mento de forças civis da legalidade, que nos primeiros tempos da luta nele tinha o seu centro de ação.

Posteriormente foi ocupado com moradia particular durante algum tempo, ao cabo do qual, em 1899, mais ou menos, sendo fundado o Gremio Dramatico Passo Fundense, nele construiu este a parte do fundo, para servir de palco ás suas representações teatrais.

Adormecendo tal sociedade, foi, um dia, transformado o predio em casa de bilhares de empresa particular, que lá permaneceu por cerca de dois anos.

Logo após, uma noite, em situação agitadissima da politica local, reuniam-se no salão, assim desocupado, oito ou nove republicanos e fundavam o Clube Pinheiro Machado, associação partidaria de que, si não me engano, teria sido eleito presidente o tenente-coronel Lolico (1), personalidade em tórno á

(1) Pedro Lopes de Oliveira

qual, então, se concentrava o Partido Republicano local para disputar a eleição de intendente e conselheiros municipais, que estava proxima e era pleiteada por outra facção: isto em 1904.

Tomando posse do predio, o referido Clube ocupou-o por espaço de anos, construindo a parte da frente dele, constituída pelo corredor e duas salas que o ladeiam, em dois andares, e adaptando melhor o salão a teatro.

Mudou-se o Clube Pinheiro Machado para o edificio que construiu para sua nova instalação, no qual funciona hoje a Escola Complementar; e, assumindo a administração do municipio o dr. Araujo Vergueiro, foi o predio, depois de passar por obras para isto necessarias, transformado em Forum, situação que vem de terminar com a mudança deste para o edificio do extinto Banco Pelotense, ha dias feita.

Tais são, em resumo, as fases por que tem passado o velho e glorioso Clube, que agora, ao que



Pinheiro Torto. Capela de São Miguel
Vista parcial da festa realizada na mesma em 1922.

ouço dizer, está sendo preparado para alojar a referida Escola (2), destino que aplaudirei si fôr confirmado, porque virá redundar em direto beneficio á coletividade, respeitando, assim, os nobres propósitos da fundação do Clube Amor á Instrução, a quem, como se viu pelo historico acima, pertence a iniciativa da construção dele.

Construido por amor á instrução, pois, de certo que será digno de todo o amor á instrução, que nele se quizer patentear (3).

(2) Está já funcionando nele.

(3) Este trabalho foi publicado, com o pseudonimo de João d'Outrora, em "O Nacional" desta cidade.



A capela do Pinheiro Torto

SUA HISTORIA

Tocante a origem da devoção que o Catolicismo passo-fundense consagra a São Miguel Arcanjo, orago da poetica ermida do Pinheiro Torto.

Junto a esse templo rural, sobre pequeno outeiro, se vê antiga moradia tendo a ensombra-la umas quantas arvores não menos velhas, talvez, que ela propria.

Aí, em prisco tempo, morava Bernardo Castanho da Rocha (1),

(1) Um dos primeiros que vieram domiciliar-se em nosso territorio. Foi o primeiro juiz de paz do distrito, eleito em 1834. No mesmo ano, com alguns companheiros, descobriu os campos de Nonoái.

proprietario, então, do campo que para cá se estende até o Boqueirão e o Lavapés, e que no rol do seu pessoal de trabalho, que devia ser numeroso porque era homem cuja atividade se repartia por varios negocios (2), tinha os dois pretos Generoso e Isaias, pai e filho, respectivamente.

O primeiro, tendo sido escravo da casa, livre ficara com a revolução de 1835, fato que revela ter na mesma pelejado á sombra da bandeira farroupilha (3); e o segundo, cativo ainda.

Irrrompendo a guerra do Paraguai, para ella, como praças do 5.º corpo de cavalaria da Guarda Nacional já lembrado nestas paginas, marcharam esses dois pretos, fazen-

(2) Além de fazendelro, era estabelecido com casa comercial no Pinheiro Torto, e tinha, proximo á mesma, nesse arroio, engenho de serrar madeiras, moinho de grãos e engenho de herva-mate.

(3) Deduzo isto de que, pela Paz de 1845, entre outras clausulas, se obrigara o governo imperial a indenisar os senhores dos escravos ao serviço da revolução, incluindo estes no seu exercito.

do toda a campanha, na qual o primeiro deles, ferido, teve de sofrer a amputação de uma perna, assim concorrendo ambos para que o Municipio lá deixasse comprovado e de modo notavel, o valor de seu povo na defesa da nacionalidade.

Terminada tal guerra, voltavam ambos para o lar de Bernardo — Generoso trazendo ainda por cicatrizar a amputação aludida — quando, ao passar pelas imediações das ruinas do povo jesuitico de São Miguel, encontraram á beira de uma lagoa, em abandono, uma estatueta representando o Arcanjo do mesmo nome, achado que resolveram trazer consigo, como trouxeram, tendo para isso obtido na visinhança uma carretinha puxada por um cavalo e na qual, guiada por Isaias, tambem o ferido se acomodou para o resto da viagem.

Chegados ao Pinheiro Torto, empreendeu Generoso erigir uma capelinha ao Arcanjo, obra para a qual, apesar da sua relativa invali-

dez, que o não impedia de capataziar a fazenda do ex-senhor, aos sábados e domingos saía, a cavalo, angariar donativos no visindario.

Assim obtido o recurso necessario, levou o ex-escravo a termo a construção, feita com paredes de pau a pique (4) e coberta de capim, e nela, em seguida, veio a realizar-se a primeira festa de São Miguel, da qual foi festeira d. Maria Joana de Oliveira, esposa de Diogo José de Oliveira que ao tempo era pessoa de destaque em Passo Fundo (5).

Mais tarde, com auxilio de seu patrão referido, substituiu Generoso a primeira capelinha por outra melhor, aí feita, construída de madeiras e coberta de taboinhas, a qual por longo tempo serviu, sendo afinal, já velha, demolida para a construção da atual, erguida em tijo-

(4) Estucadas de barro.

(5) Primeiro delegado de polícia do Município, empossado logo após a instalação do mesmo.

los e coberta de telhas, e que foi feita anos depois da pacificação que puzera fim á revolução federalista de 1893 (6).

*
* *

Tal a historia da poetica ermida em que anualmente, no dia proprio, se repete a tradicional festa em referencia, a qual atraindo, desta cidade e mais pontos visinhos,romeiros de todas as classes, uns a pé, outros a cavalo e outros, o maior numero talvez, em veículos de toda sorte, desde a lenta e velhissima carreta de bois, até o veloz e moderno automovel, desdobra no Pinheiro Torto um palpitante mostruario da nossa gente e dos nossos costumes.

(6) Prestou valiosas informações a este trabalho o sr. Bento Isaias, filho do mencionado Isaias e que, com cerca de 80 anos, vive ainda nesta cidade.



PADRE GUEDES

Logo após a proclamação da Republica, viera ele, de São Sepé onde exercera idênticas funções, parou aqui o Catolicismo de Passo Fundo, e com felicidade, pois que teria a cerca-lo aqui, como aconteceu, a estima e veneração de todos, grangeadas pelas altas qualidades morais que a tanto o recomendavam.

José Ferreira Guedes era o seu nome todo, e em Portugal tivera berço, que não posso localizar por falta de dados a respeito.

Durante o seu ministerio nesta cidade, coube-lhe a tarefa de, com a comissão respectiva, promover a construção da atual Matriz (1), obra que se tornara de imperiosa neces-



Padre José Ferreira Guedes

(1) Começada em 1893, mas paralizada nos alicerces em consequencia da revolução federalista.

sidade ante a deficiencia e estado quasi ruinoso da antiga (2).

Ainda nas funções paroquiais, aqui faleceu ele a 9 de Novembro de 1902, sendo sepultado logo á entrada do cemiterio publico, onde se vê o tumulo que o guarda.

Ao baixar o seu corpo á terra, falou o dr. João Coelho Cavalcanti, então juiz da comarca (3), proferindo eloquente oração que, chegada ao meu conhecimento, pois que não pudera eu comparecer ao entêrro, em parte condensei no soneto a seguir, que reproduzo não porque pela fórmula se recomende, mas, apenas, para que constitua o meu quinhão nas justas homenagens que aí foram tributadas ao venerando sacerdote.

-
- (2) Era situada na actual praça Marechal Floriano, em o terreno baldio que está destinado á construção da futura Cathedral.
- (3) Daqui removido, em 1904, para São João Baptista de Camaquam.

A' memoria de Padre Guedes

(Trecho de um discurso
do dr. João Coelho Ca-
valcanti).

Viandante, quando tu passares
por este sitio funerario
em que repousa o bom Vigario
que ao Bem ergueu tantos altares;

Si da virtude respeitares
o exemplo grande, extraordinario,
e fôres justo, humanitario
— viandante, quando tu passares:

Ajoelha-te, piedosamente,
á campa do Vigario, e implora
ao Céu, em oração fervente,

que a terra onde ele jaz agora
leve lhe seja eternamente,
como ele o foi á Terra, outróra.

Passo Fundo

10/ 11/ 1902



Coronel Gervasio Lucas Annes



10 DE ABRIL

Passará amanhã a data aniversaria da elevação da vila de Passo Fundo á categoria de cidade, em 1891, pelo então governador provisório do Estado dr. Fernando Abbott.

Rememorando tal fato, não se póde, por justiça, omitir a participação que nele teve o coronel Gervasio Lucas Annes, tanto mais meritoria quanto é certo que esse illustre chefe do Partido Republicano de Passo Fundo, hoje vivendo no plano para que o levou a sua desencarnação em 1917, o solicitou e conseguiu no dia do seu natalicio, por motivo do qual desejava qualquer coisa fazer em beneficio da terra em que, desde a juventude, vinha a batalhar como profissional e politico, e com a qual, portanto, estava identificado pelo coração e pelo espirito.

Dadas as condições primitivas e o desenvolvimento ainda exiguo da vila, que aí não teria talvez nem mesmo duzentos predios, só condensados no trecho da rua do Comercio, hoje avenida Brasil, compreendido entre as atuais travessas Quinze de Novembro e dos Andradas, estando o restante disperso e tão escassamente que as ruas Paisandú e Moron, restringidas a esse mesmo trecho, tinham as suas linhas intermeiadas de amplos terrenos baldios, e em pleno campo, com raras casas, se extendia para o oriente o resto da área urbana, — de certo que só mesmo por benevolencia governamental, inspirada no desejo de atender a tal pedido do mesmo Coronel, teria ela conquistado esse acesso de categoria, com o qual ainda mais veiu a contrastar ao cabo da revolução federalista, cujos efeitos lhe foram tão serios que ainda no ano seguinte ao da Paz o seu estado era ruinoso e abatido.

Renasceu, porém, com a posse

da estrada de ferro, nela inaugurada em 1898, e de então ao presente, ora mais, ora menos, conforme as alternativas da situação do Estado, se tem expandido sempre, dia a dia avolumando a esperança que depositamos em seu porvir, fundada não só no proprio grau de desenvolvimento que apresenta, como, ainda, na feliz topografia, notavel salubridade e mais requisitos que lhe servem de dote.

O que lhe falta realizar para satisfazer as aspirações patrioticas nessa esperança encerradas, constitue obra para muito esforço e devotamento dos seus expoentes; mas em compensação, o Progreso é uma lei irresistivel, que não cessa de impelir a Humanidade para a frente e para o alto, a fim de poder ela cumprir o seu luminoso destino planetario.

Nele confiemos, pois, certos de que o muito que já fez até hoje pela terra nossa, bem pouco será em face ao que lhe tem reservado para esse porvir.

(9-4-1932).

O VALEIRO

Aparecera ele, um dia, na estância do Sarandí, então pertencente, ainda, ao capitão João de Vergueiro, que lá morava.

Era homem velhusco, alto, louro, de olhos azues, estrangeiro, exprimindo-se com dificuldade em português, e o nomeavam Dom Francisco: detalhes que reunidos ao meio de subsistencia com que se apresentara, indicado na epígrafe, eram os únicos que se abriam para caracterisa-lo, porque os demais, relativos á sua origem e precedentes, guardava-os ele em fechada reserva.

Admitido a trabalhar, para isso aboletou-se num ranchinho proximo á sede do vasto estabelecimento pastoril, entregando-se ao labor e permanecendo fóra do convívio dos moradores da mesma, pelos quais e deante a sua grosseira faina, era

natural fosse tido como pessoa vulgar.

Uma noite, porém, tal conceito veio a ser modificado por fato imprevisto.

Era em 1882 e estava em seu maximo o grande cometa que aí apparecera.

No pateo da fazenda, com outras pessoas da casa, o capitão Vergueiro apreciava e comentava o belo astro errante que, assim, se mostrava a visualidade no espaço.

Com a illustração que lhe era peculiar, discorria o conceituado fazendeiro sobre o empolgante fenomeno celeste quando, com surpresa para ele e os que o cercavam, surge Dom Francisco pedindo, humildemente, permissão para intervir no assunto.

Atendido e entrando a manifestar-se, como discordasse de opinião a respeito emitida por Vergueiro, o resultado foi irromper entre ambos discussão que se prolongou a alta noite, verificando-se aí que na

rude aparência do valeiro se ocultava uma solida cultura científica (*).

*
* *

Tempo depois, na Rondinha, campo da mesma fazenda, chegava ao termo da sua jornada terrestre um solitario que lá vivia: era Dom Francisco, o valeiro, que para o tumulto baixava levando consigo o misterio da sua origem e dos precedentes que trouxera para o Sarandí.

(*) Em que se incluia o conhecimento de varias linguas.



Capitão Eleuterio José Gonçalves



UM BRAVO

Soube fazer jús a este conceito o malogrado capitão Eleuterio José Gonçalves, que, na luta civil desencadeada pela revolução federalista de 1893, para aqui foi enviado, no posto de tenente, com pequena força do 1.º regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado, aí recentemente creada em substituição da Guarda Civica, da qual viera ele com a mesma graduação.

Vi-o por primeira vez em Junho do citado ano, poucos dias depois da retomada desta cidade pelas armas legais (1), pagina de bravura em que o seu valor militar se destacara tão exuberantemente que, dispondo apenas de tresentos e tantos homens, não vacilou entretanto

(1) Combate de 4 de Junho.

dem do dia do comando da Brigada, promovido ao posto de capitão do 1.º esquadrão do seu já citado regimento: isto quando já se aproximava a passagem da coluna revolucionaria de Gomercindo Saraiva por esta cidade, em marcha para Santa Catarina e Paraná, acontecimento em que lhe caberia tão gloriosa parte na ação militar da legalidade, que o proprio general federalista aludido ficaria, como ficou, encantado com a sua pericia e bravura como guerrilheiro, já comprovadas brilhantemente quer no combate aludido, quer em memoravel reconhecimento que, nas vespersas do mesmo, levava a efeito na direção do Tope, e no qual operara uma retirada tão habil diante de força contraria numerosa que vinha de Soledade, que, no Pecegueiro, caindo-lhe á retaguarda, lhe tomara a cavallhada que a acompanhava.

Deixando para mais desenvolvido trabalho a explanação da influencia que exerceu o valoroso offi-

cial nos acontecimentos da epoca, em cuja lembrança a sua morte avulta não só pela sinificação militar que teve, como, ainda, pela nobreza que a caraterizou, passo a rememorar o tragico acontecimento em que ella ocorreu: fôra o illustre official, já aí capitão, a um reconhecimento no 3.º distrito, onde havia força revolucionaria que, pouco antes, desbaratára por completo uma expedição republicana que imprudentemente se deixára atrair a terrivel emboscada no estreito e comprido rincão do Guamirim, perecendo quasi que totalmente (2).

Apesar da excelente e adequadissima disposição que deu elle a tal reconhecimento, fez a fatalidade com que um dos seus piquetes (3), contra a ordem que tinha, que era de reconhecer e regressar, irrefletida-

(2) Eleuterio não fez parte desta desastrada expedição.

(3) A's ordens do capitão Francisco Brisola, comandante da Guarda Municipal.

mente avançasse em ocasião e lugar impróprios, atraído pelos revolucionários, sendo por estes surpreendido e envolvido.

Vendo isso e percebendo logo a gravidade da situação, vacilou ele, Eleuterio, sobre a atitude a tomar, pois que si, de um lado, estava o dever moral de acudir aqueles companheiros colocados em transe o mais sério, de outro era claro que o seu avanço nas condições inesperadas que o fato lhe creára, o colocaria em risco de funestas consequências.

Assim premido, optou pela solução da generosidade: avançou, não para pelejar, porque o desbarato daquele flanco já estava consumado, e sim para de logo ser atingido pela carga do adversario e receber um tiro, por efeito do qual, em estado grave, foi precipitadamente conduzido para esta cidade, em cujo caminho exalou o derradeiro alento na ocasião em que transpuz a o Passo.

Eis como, em ordem do dia da sua corporação, foi registrado o triste acontecimento em referencia:

“QUARTEL DO COMANDO DA BRIGADA MILITAR, EM PORTO ALEGRE, 14 DE MARÇO DE 1914. ORDEM DO DIA N.º 132A — EXCLUSÃO — Confirmando-se a infausta noticia do falecimento, em 22 de Dezembro do ano findo, no Passo Fundo, do capitão do 1.º regimento de cavalaria Eleuterio José Gonçalves, determino que seja excluído por esse motivo do dito regimento. Determinando a exclusão de tão bravo camarada como o foi o capitão Eleuterio José Gonçalves, morto heroicamente no campo da luta, cumpro o doloroso dever de recomendar a gratidão geral dos defensores da Republica e especial dos meus comandados, a memoria dos meus comandados, digo, memoria do lutador incançavel, tipo verdadeiro do soldado riograndense tão austero no cumprimento de seus deveres quanto dedicado a causa da liberdade de sua Patria, encarnada

no simbolo gigantesco da Republica a cuja sombra tombou aureolado pelas fulgurações do valor stoico e dedicação spartana o bravo camarada cuja perca pranteamos. (a) Coronel Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz."

Foi assim que o nobre tipo de soldado, veterano do Paraguai e chefe militar da praça de Passo Fundo naqueles dias fratricidas, pagou com a vida a generosidade do seu coração.

Felizmente a justiça do futuro, para que o seu nome tão digno se não perdesse, gravou-o em uma das nossas ruas.

Oxalá aí o conserve a veneration popular, porque nessa homenagem não se reflete propriamente um sentido partidario, mas merecido premio a quem soube morrer pela nobreza, deixando de si uma tradição tão alta como a que ele deixou.



ERRATA

| Pags. | Erro | Correção |
|-------|-----------|-----------|
| 24 | na eshiga | na espiga |
| 91 | de 1914 | de 1894 |

INDICE

| | |
|---|----|
| A tapera de Chicuta | 3 |
| O "Echo da Verdade" | 5 |
| A nobreza de Miranda | 10 |
| O registro de Fagundes | 12 |
| João de Vergueiro e a provincia de Missões | 13 |
| Parada interrompida | 17 |
| A luz publica de dantes | 20 |
| Semente prodigiosa | 24 |
| Combate frustrado | 26 |
| O Monge | 29 |
| A luzinha | 31 |
| A panela da rua Moron | 37 |
| Zona lendaria | 41 |
| A pipoca | 46 |
| Bandeirinhas coerentes | 47 |
| Convocação historica | 51 |
| A bandeira | 56 |
| Dr. James de Oliveira Franco e Souza | 59 |
| O Clube | 67 |
| A capela do Pinheiro Torto | 71 |
| Padre Guedes | 76 |
| A' memoria do mesmo | 78 |
| 10 de Abril | 79 |
| O valeiro | 82 |
| Um bravo | 85 |